

Capítulo XXII - UMA SIMBIOSE INDISSOLÚVEL

Manter a calma em acidentes de graves proporções é um ingrediente indispensável para que o salvamento se concretize com o menor dano físico e psicológico para cada vítima.

Quando ocorrem catástrofes como desabamentos causados por terremotos severos e engavetamento de veículos em uma estrada muito movimentada, os telespectadores acompanham os trabalhos de resgate das vítimas que ficaram soterradas ou presas nas ferragens dos carros, sem o áudio gerado pelo diálogo das equipes de socorro, porque as áreas do sinistro são rapidamente bloqueadas para acesso da imprensa e de curiosos.

É de amplo conhecimento, todavia, o fato de haver um detalhado treinamento para as lideranças dos especialistas que chegam aos locais nos quais o salvamento será iniciado. Um dos principais aspectos é a comunicação com uma vítima localizada entre os destroços, imobilizada por escombros ou ferros retorcidos. Caso ela esteja consciente, os socorristas tentarão estabelecer uma conversa contínua, de cunho otimista em relação ao sucesso do resgate, sempre com o objetivo de mantê-la calma, durante toda a operação.

De uma certa forma, eu havia adotado essa técnica de criar uma expectativa de salvamento para as vítimas, logo no início do naufrágio, quando tentava encontrar Ana entre as pessoas que não sabiam nadar. Eu empurrei mesas e cadeiras de madeira para várias pessoas, algumas delas praticamente imobilizadas dentro d'água devido a diferentes níveis de estado de choque, afirmando que elas deveriam segurar com firmeza os objetos que as ajudariam a flutuar e que mantivessem a calma, porque o esperado resgate estava a caminho. Embora a cruel realidade associada à chegada imediata do socorro, certamente estivesse desalinhada em relação ao meu pensamento positivo, eu agia com a certeza de que aquelas pessoas ajudadas por mim, ainda que de forma precária, reencontrariam em breve os seus familiares e entes queridos.

Capítulo XXII - UMA SIMBIOSE INDISSOLÚVEL

No entanto, aqueles exatos momentos que eu estava vivendo, agora, junto à naufraga, tinham contornos diferenciados do pânico que se alastrara entre a maioria esmagadora das vítimas do naufrágio. É certo que eu e a mulher éramos protagonistas de uma cena inusitada, pois tínhamos a participação de um cadáver compartilhando conosco um ínfimo espaço. Porém, as decisões cruciais já haviam sido tomadas: a mulher teve o incessante pedido de socorro atendido e eu havia decidido levá-la de volta ao barco, estando, inclusive, em posição para iniciar o deslocamento.

Essas decisões, no meu modo de interpretar a crítica situação, seriam suficientes para que nós dois mantivéssemos o nível de calma coerente com o equilíbrio mental que havíamos alcançado. Em resumo, no meu entender, eu estava no comando das ações e ela, de forma passiva, acataria as orientações para que obtivéssemos êxito na operação de resgate.

Entretanto, diversas características adicionais do episódio, como a penumbra e a permanência na água em ondulação, sem qualquer referência quanto à profundidade e à distância para as pedras submersas do costão do Leme, podiam, de súbito, levar ao extremo a situação de dúvida e insegurança em relação ao sucesso dos próximos movimentos, causando um retrocesso no plano de salvamento. Desta forma, além de me considerar no comando da operação, o meu comportamento, diante de um possível sinal de estresse, deveria ser no sentido de coibir que a situação, entre nós, sobreviventes, saísse do controle emocional.

Neste complexo contexto, a negativa da mulher em atender a minha incisiva orientação para que ela se liberasse do cadáver, soou para mim como se eu estivesse sendo testado em relação à minha inquestionável liderança na operação. Porém, não havia muito tempo para reflexões e comentários para convencê-la a acatar a atitude que eu considerava como a mais coerente.

Ainda respeitando os ensinamentos em relação ao resgate de vítimas em tragédias, eu mantive a calma para indagar o motivo pelo qual ela não concordava com a minha decisão em relação ao abandono do cadáver. Com a voz trêmula, ela disse que ele era a sua garantia de sobrevivência e sendo assim, não podia dispensá-lo.

Essa resposta tinha um conteúdo muito dramático, e naquelas circunstâncias críticas não me cabia contestá-la. Porém, rapidamente, passou pela minha cabeça que a insegurança da mulher, em relação ao êxito do salvamento, tivesse aumentado quando a preveni que, durante o percurso até o barco, eu poderia alterar a posição lateral de socorro, caso o braço utilizado para nadar no início do socorro desse sinal de cansaço.

Embora eu não tivesse verbalizado explicitamente para a mulher, na minha mente, outra ameaça grave já tinha acendido o sinal de alerta: o possível surgimento de câimbra, em pelo menos uma das pernas, causada pelo esforço para nadar e me manter na superfície. Era do meu conhecimento que os músculos que estavam sendo usados para nadar não eram os mesmos que eu trabalhava nos treinos de corrida. Ou seja, eles podiam colapsar em resposta a qualquer movimento mais estirado e forte que eu realizasse. E se isso acontecesse, eu estaria inabilitado para prosseguir no resgate.

Para mim estava claro que a decisão da mulher foi posta de maneira irredutível. Ou seja, insistir para que houvesse um pouco de racionalidade por parte dela, seria perda de tempo e prorrogar aquela cena do trio quase imóvel, só reduziria a chance de um resgate com êxito.

Da minha parte, obviamente, não havia mais de 2 alternativas para dar fim àquele indevido longo impasse, além de manter a calma, deixando afastada a possibilidade de incremento do estresse: ou eu assumia o extremo desafio de levar a naufraga agarrada ao cadáver que lhe servia de bálsamo emocional e físico para continuar vivendo ou desistia, alegando que seria uma tarefa hercúlea resgatar aquela dupla, que formara uma simbiose indissolúvel, até alcançar o distante barco.

Caso eu optasse pela segunda hipótese, bastaria dizer para a mulher que, diante da escolha dela, eu não me sentia com forças suficientes para completar a operação de socorro. E, como consequência da fadiga surgida no meio do percurso, poderíamos passar a ser dois a depender da manutenção das condições de flutuação do cadáver.

Capítulo XXII - UMA SIMBIOSE INDISSOLÚVEL

Para decidir pela primeira alternativa, eu precisava ainda, trabalhar, em poucos segundos, a minha motivação, pois este era um aspecto fundamental para que, na minha mente, a concretização do sublime ato de salvar uma vida vencesse o nítido confronto com o receio do fracasso da operação de resgate e as mazelas dele decorrentes. A motivação também seria importante para que eu superasse o que se tornaria mais uma expectativa frustrada naquela noite, além de aquelas referentes às tentativas de encontrar a minha namorada entre os sobreviventes: com consequência dessa decisão, eu estaria consentindo em aceitar uma situação que fugia da racionalidade, aspecto primordial que deve ser priorizado durante um salvamento, de acordo com o meu aprendizado sobre o assunto.

Em benefício da naufraga e sua irredutibilidade, que não passou pela minha cabeça, naquele momento, eu também estava cometendo um ato de baixo discernimento, ao me manter vestido e calçado.

Premido pelo tempo para decidir, busquei um estímulo derradeiro no olhar suplicante da mulher, atônita, à espera do meu próximo movimento. E concluí, então, que não mais havia outra alternativa na minha mente. Só restara uma e eu precisava colocá-la em prática, imediatamente.

